



SEÇÃO: REPRESENTAÇÃO POLÍTICA E IDEOLOGIA - (F) REDES SOCIAIS, INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E A QUESTÃO DOS REGIMES DA VERDADE, A PÓS-VERDADE E AS *FAKE NEWS*

A Inteligência Artificial e a política brasileira: análise do ChatGPT e seu potencial uso político, como ferramenta de manipulação de informações

Artificial Intelligence and Brazilian Politics: Analysis of ChatGPT and its Potential Political Use as a Tool for Information Manipulation

Romário Djavan Lins de Araujo¹

orcid.org/0009-0009-7580-4285
romario.lins@discente.univasf.edu.br

Gislaine Bagagi Lima¹

orcid.org/0009-0008-2385-7812
gislaine.bagagi@discente.univasf.edu.br

Bruna da Silva Barbosa²

orcid.org/0009-0005-4339-3654
bruna.sbarbosa@usp.br

Recebido em: 22 ago. 2023.

Aprovado em: 24 out. 2023.

Publicado em: 04 dez. 2023.

Resumo: A proposta deste trabalho é analisar, por meio da teoria da Cultura Política, o uso do ChatGPT (versão 3.5) como estratégia política, como ferramenta de elaboração de informações falsas. A análise exploratória tem como método a revisão bibliográfica, na qual foram estudadas bibliografias que tratam do impacto da cultura política para a democracia, além do uso de ferramentas de Inteligência Artificial (IA) para ataque ao sistema democrático. Tendo em vista que não são só os aspectos institucionais que garantem o bom funcionamento da democracia brasileira, entende-se que ferramentas de geração de diálogos por meio de IA podem causar impacto no sistema político. Uma vez que o cenário eleitoral brasileiro já possui um histórico de uso das redes sociais para compartilhamento de informações manipuladas, aliado à desconfiança dos eleitores com os instrumentos e atores políticos. E, nesse sentido, o ChatGPT é inovador, pois permite a criação de textos e narrativas falsas mais convincentes, que podem levar o eleitor a um objetivo específico.

Palavras-chave: Cultura Política. Inteligência Artificial. Democracia. *Fake News*. Eleições.

Abstract: The aim of this work is to analyze, through the lens of Political Culture theory, the use of ChatGPT (version 3.5) as a political strategy and a tool for the generation of false information. The exploratory analysis employs a method of literature review, which involved studying bibliographies addressing the impact of political culture on democracy and the use of Artificial Intelligence (AI) tools in undermining the democratic system. Given that the robust functioning of Brazilian democracy relies not only on institutional aspects, it is understood that AI-driven dialogue generation tools can have a significant impact on the political system. As the Brazilian electoral landscape has a history of utilizing social media for the dissemination of manipulated information, compounded by voter distrust in political instruments and actors, ChatGPT is particularly innovative. It enables the creation of more convincing false texts and narratives, potentially leading voters toward specific outcomes.

Keywords: Political Culture. Artificial Intelligence. Democracy. Fake News. Elections.

Introdução

Presente em várias esferas da vida humana em sociedade, a internet é hoje uma ferramenta essencial, que atende aos mais diversos tipos de utilidades. Em constante evolução, ela tem passado por diversas mudanças, tanto no sentido operacional, ampliando a cada dia suas



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Juazeiro, BA, Brasil.

² Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil.

funções, quanto em relação à sua finalidade, se tornando assim um item básico na vida moderna.

Com a ampliação do uso das redes sociais, a internet vem se tornando também um espaço dos indivíduos se posicionarem, promovendo de forma mais facilitada o debate sobre diversos assuntos. Dentre eles, a política e seus desdobramentos (Barbosa 2023). Ou seja, além de facilitar a expressão política, a ferramenta corrobora também para o consumo de informações, o que a caracteriza como um meio de "socialização", ou seja, de apreensão e de transferência de padrões sociais, culturais e políticos dentro de uma sociedade (Kuschnir e Carneiro 1999).

Dessa forma, compreendendo as redes sociais como espaços de socialização, é importante ressaltar que dentro delas não há uma regulação do que é compartilhado, além de ser um espaço que permite que as pessoas se escondam atrás de um *username*.³ Tendo em vista este caráter de confidencialidade e anonimato que as redes sociais apresentam, um fenômeno contemporâneo que permeia este espaço, sobretudo no que se refere à política, é o compartilhamento de *fake news*.

Esse vem sendo um tema bastante tratado na política brasileira, especialmente durante as duas últimas eleições presidenciais (2018 e 2022), pois o uso de notícias falsas serviu de estratégia política (Neves 2022)⁴ durante o período eleitoral. Por isso, a ciência política vem se dedicado em estudar seu impacto para a construção do pensamento e valores sociais e políticos dos brasileiros (Wunsch e Ferreira 2022). Entende-se que ainda há um espaço para debates que trate de sistemas que são potenciais criadores de *fake news*, como ferramentas que utilizam de Inteligência Artificial (IA) para criação de textos e narrativas falsas, uma

vez que a IA ainda é uma tecnologia recente e que vem adentrando a política sutilmente.

A cada dia mais o mundo vem assistindo uma crescente adesão ao uso de *chatbots*⁵ e assistentes virtuais para a comunicação com usuários dentro da internet. Um exemplo disso é o ChatGPT (3.5), lançado em novembro de 2022 pela OpenAI, que é um sistema que utiliza IA e linguagem natural para gerar respostas em diálogos virtuais. Após seu lançamento ele vem sendo utilizado em diversos contextos, desde a educação⁶ até suporte em saúde mental. No entanto, tendo em vista o cenário político brasileiro nas últimas décadas, tem-se como hipótese que este tipo de tecnologia também pode ser usada para disseminar desinformação e criar narrativas falsas, com objetivos políticos, tendo assim grande potencial de prejudicar a democracia brasileira.

Nesse sentido, este estudo de cunho exploratório busca analisar, por meio da teoria da Cultura Política, o uso do ChatGPT na política e sua potencialidade para criação de informações políticas falsas. São os objetivos específicos: desenhar teoricamente a relação entre a cultura política dos indivíduos e o fortalecimento da democracia; analisar o papel da internet para a democracia brasileira na contemporaneidade; investigar o potencial de ferramentas de IA para geração de textos com informações políticas falsas; e analisar teoricamente o impacto de notícias falsas para a democracia brasileira. Em termos metodológicos, por meio de uma abordagem qualitativa foi realizada uma revisão bibliográfica, na qual foram analisados estudos que trabalham a teoria culturalista para a compreensão dos fenômenos políticos, que tratam aspectos da democracia brasileira, e sobre a ampliação do uso de ferramentas de IA para fins políticos.

³ Palavra da língua inglesa que se refere a nome de usuário. É a identificação do usuário ao acessar a rede de computador ou algum outro serviço na internet, como as redes sociais.

4 Verificar estudo que salienta o crescimento das *fake news* no segundo turno das eleições de 2022: Borges, Laís. 2022. *G1*, 25 out. 2022. <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/25/estudo-mostra-que-uso-de-fake-news-cresce-no-2o-turno-desinformacao-esta-mais-complexa-e-sofisticada-diz-pesquisadora.ghtml>.

⁵ *Chatbot* é o nome dado para robôs virtuais que simulam interação humana em diversas plataformas digitais, onde são capazes de manter uma conversa com usuários humanos utilizando linguagem natural.

6 Verificar reportagem que mostra que escolas nos Estados Unidos já estão ensinando os alunos a utilizar o ChatGPT em sala de aula: Kelly, Samantha Murphy. 2023. "Inteligência artificial: escolas americanas estão ensinando alunos a usar o ChatGPT." *CNN Brasil*, 27 ago. 2023. <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/inteligencia-artificial-escolas-americanas-estao-ensinando-alunos-a-usar-o-chatgpt/#:~:text=Alunos%20%C3%A1%20usam%20ChatGPT&text=E%28%09CN%3%A3%20d%C3%A1%20para%20ignorar%28%09d%2C,precisamos%20fornecer%20o%20treinamento%20certo%E2%80%9D>

Cultura política e democracia

A cultura política como campo de estudo está incluída na Ciência Política, e tem como principais sintetizadores teóricos os cientistas políticos Gabriel A. Almond e Sidney Verba, por meio da obra *The Civic Culture* (1963). No livro, os autores definem cultura política como: “[...] orientaciones específicamente políticas, posturas relativas al sistema político y sus diferentes elementos, así como actitudes con relación al rol de uno mismo dentro de dicho sistema” (Almond e Verba 1963, 30). Ou seja, relacionam a postura dos indivíduos em relação à política com a cultura que estão incluídos.

As pesquisas neste campo apresentam um caráter comparativo, pois buscam entender como questões de funcionamento e desenvolvimento das instituições e das estruturas políticas são influenciadas pelos comportamentos e opiniões dos indivíduos, isto é, a cultura política destes, e vice versa. Além disso, é possível desenvolver comparações acerca dos tipos e padrões de atitudes, ou de orientação individual em relação à política, para descobrir como estas orientações/atitudes influenciam o funcionamento do sistema político como um todo (Almond e Powell 1972).

Acerca disso, Almond e Verba (1963) apresentam os tipos orientações políticas, como sendo a forma que os indivíduos se encontram em relação aos atores e objetos políticos, sendo classificadas em três ordens: cognitivas, afetivas e avaliativas. A primeira se refere aos “conocimientos creencias acerca del sistema político, de sus roles y de los incumbentes de dichos roles de sus aspectos políticos (“inputs”) y administrativos (“outputs”)” (Almond e Verba 1963, 31); as afetivas são referentes aos sentimentos destes indivíduos; e as avaliativas dizem respeito aos “juicios y opiniones sobre objetos políticos que involucran típicamente la combinación de criterios de valor con la información y los sentimientos (Almond e Verba 1963, 31).

Nesse sentido, cientistas políticos têm se dedicado cada dia mais em estudar a democracia brasileira por uma vertente culturalista, tendo em vista que este sistema político depende da

participação e engajamento dos indivíduos para sua manutenção e fortalecimento, e não só de aspectos institucionais. Ou seja, para que uma democracia se mantenha em pleno funcionamento entende-se que as pessoas devem nutrir valores e orientações positivas em relação a ela.

A democracia brasileira

Pensando na democracia brasileira como sendo um sistema federativo, multipartidário e representativo, aspectos como aceitação e confiança ao sistema, assim como a inserção no jogo político, são essenciais. No entanto, estes fatores são permeados por diversas questões para sua efetiva implementação, sobretudo quando se tem em vista que a democratização do país é recente, o que significa que os brasileiros ainda estão se “acostumando” a agirem democraticamente (Moisés 2008; Azevedo e Weirich 2021).

O sistema político brasileiro foi, desde sua origem, atravessado por características autoritárias e antidemocráticas, pois teve seu início como um sistema colonial antes de virar república, e quando se começou a pensar no país como uma democracia representativa a sociedade foi atravessada pelos 21 anos de ditadura militar.

Seguindo por esta perspectiva de redemocratização do Estado brasileiro, entende-se que parte da dificuldade de se consolidar a democracia no Brasil vem de um não reconhecimento e aproximação histórica dos indivíduos com a política (Moisés 2008), tendo em vista que só a partir da Constituição Federal (CF) de 1988 pode-se falar efetivamente em democracia. No entanto, mesmo após esses anos buscando consolidar a democracia no país, vemos na última década o crescimento de um fenômeno que marca mais uma crise democrática. Avritzer (2018) ressalta que esta crise contemporânea se apresenta não só nos aspectos normativos do sistema, mas sobretudo no que se refere aos valores dos cidadãos.

Entende-se assim que a crise na democracia também é uma crise na cultura política, pois para que este sistema se encontre em plenitude é necessário que os indivíduos estejam alinhados

ao ambiente democrático e confiem no processo e instituições (Almond e Verba 1963), ou seja, tenham atitudes, crenças, sentimentos e valores positivos frente ao sistema. No caso brasileiro, podemos observar a crise na democracia a partir de pesquisas que a estudam em âmbito mundial e continental, como o Democracy Index, World Values Survey e Latinobarómetro, que avaliam por meio de questionários e outros indicadores a qualidade democrática, bem como a avaliação das pessoas sobre ela (Penna, Carvalho e Zanandrez 2022).

De acordo com o Latinobarómetro, desde 2015 houve uma queda significativa no percentual de brasileiros que indicaram preferir a democracia a qualquer outra forma de governo, que passou de 62,3% em 2015 para 37,1% em 2016, e se manteve em oscilação a partir daí. No relatório do Democracy Index a tendência se mantém. Entre os anos de 2014 e 2015 percebe-se um decréscimo na pontuação referente à qualidade democrática, onde sai da casa dos sete pontos para se manter em queda a partir dos seis pontos. Além disso, no *ranking* mundial de 2022 (ano do último relatório publicado) a democracia brasileira se encontrava em 51º lugar, se classificando como uma “democracia falha”.⁷

Nos últimos anos, pesquisadores vêm estudando a democracia brasileira pela perspectiva de um dos seus principais atores, os democratas, e percebendo por meio deles um perfil de ambivalência entre eles (Fuks et al. 2016; Moisés 2008). Em um sistema que pressupõe dos cidadãos interesse e participação, deve-se ser levado em consideração não apenas suas autoavaliações sobre o interesse, mas também a direção deste interesse em aspectos práticos do dia a dia, ou seja, o tipo de orientação que estes atores têm

frente a situações políticas. Um exemplo disso são as ações antidemocráticas realizadas via redes sociais, onde apesar de o Brasil possuir um percentual de 79% de pessoas que dizem apoiar a democracia (Deutsche Welle 2023)⁸, durante as eleições de 2018 e 2022 o país ficou conhecido pelo compartilhamento de notícias falsas, as famosas *fake news*, com intuito político (Jardelino, Cavalcanti e Toniolo 2020).⁹

Qual o espaço da internet na democracia contemporânea?

O século XXI é marcado pelo ‘boom’ da internet. O que começou nos anos 80 como uma ferramenta criada para fins militares e com funções limitadas (Castells 2001; Fornasier, Camargo e Cassol 2021) é hoje uma estrutura de uso universal que possibilita ações essenciais para a vida humana na contemporaneidade, sobretudo no que se refere à comunicação e acesso à informação.

Em relação à democracia, no início da existência da internet a crença de que ela iria ajudar na redemocratização da sociedade foi alimentada. No entanto, mesmo ela nos ajudando a enxergar cenários pelo ponto de outros, bem como ter acesso facilitado a fatos compartilhados, o que se vê em ascensão é a criação de “bolhas ideológicas” e universos paralelos à verdade (Pariser 2012). Sobre o processo de retroalimentação de bolhas ideológicas para o sistema político, Fornasier, Camargo e Cassol (2021) dizem que:

Quando isso ocorre em bolhas que fluem informações falsas, seja por entes com interesses antidemocráticos ou até mesmo por usuários com pouca referência sobre a veracidade dos fatos, o impacto é enorme para o valor divergente da democracia pois a fluidez das informações falsas que são retroalimentadas pelos algoritmos, segmentam um contínuo de falsidades na bolha que ultrapassa para o espaço público das instituições. Visualiza-

⁷ Relatórios completos: Latinobarómetro. Santiago: Corporación Latinobarómetro. <https://www.latinobarometro.org/latContents.jsp>. The Economist Intelligence Unit. 2022. *Democracy Index 2022*. Londres: Democracy Index. <https://www.eiu.com/n/campaigns/democracy-index-2022>.

⁸ A reportagem salienta que uma grande parcela da população brasileira apoia a democracia com base em relatório do instituto de pesquisa Datafolha. Deutsche Welle. 2023. “Datafolha: democracia tem apoio de 79% dos brasileiros”. DW, 21 out. 2023. <https://www.dw.com/pt-br/datafolha-democracia-tem-apoio-de-79-dos-brasileiros/a-63513792>.

⁹ Com a utilização descontrolada das *fake news* nas eleições, surgiu um desafio que precisava ser analisado e combatido. Struck, Jean-Philip. 2018. “O desafio das ‘fake news’ nas eleições de 2018”. Deutsche Welle (DW), 19 jan. 2018. <https://www.dw.com/pt-br/o-desafio-das-fake-news-nas-eleicoes-de-2018/a-42214569>. Tribunal Superior Eleitoral. 2022. “Fato ou Boato: Justiça Eleitoral desmentiu as principais fake news sobre o processo eleitoral em 2022”. TSE, 29 out. 2022. <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Outubro/fato-ou-boato-justica-eleitoral-desmentiu-as-principais-fake-news-sobre-o-processo-eleitoral-em-2022>.

se, portanto, uma grande possibilidade de alienação do usuário, tendo em vista que os filtros bolhas podem ser utilizados de forma a manipular o usuário de forma mercadológica e política. (Fornasier, Camargo e Cassol 2021, 150)

Nesse sentido é que alguns estudos têm buscado tratar do uso político da internet com cunho teórico na cultura política, perpassando sobretudo, pelo entendimento do termo "socialização política". A socialização política gera resultados que advêm do contato que o ser humano tem uns com os outros, ou seja, são interações que moldam as ações dos indivíduos em sociedade, não só em termos sociais, como também em relação às orientações políticas (Kuschnir e Carneiro 1999). Assim, entende-se que o processo de socialização influencia diretamente a formação dos valores sociais e políticos no ser humano (Vasconcelos 2019, 19), por isso a internet como espaço de socialização passou a ser uma ferramenta que afeta o processo de formação da opinião pública nas disputas políticas (Silveira 2019). Sobre isso, Aquino (2004) destaca também que: "o processo de socialização tem impacto sobre a formação da personalidade do indivíduo, incluindo o nível de sofisticação de seu raciocínio em questões morais, e sobre suas atitudes diante de questões políticas" (Aquino 2004, 203).

A internet e as redes sociais, por estarem atualmente tão presentes nos momentos de aprendizagem dos indivíduos, podem ter impactos negativos na socialização, sobretudo no que se refere às orientações políticas. Isso ocorre, sobretudo, em vista da falta de um "filtro" que defina a veracidade de certas informações provenientes desta ferramenta. E por conta da existência dos algoritmos para personalização destes espaços, por meio da "distribuição de conteúdos publicados pelos usuários e os anúncios adquiridos pelas empresas de publicidade" (Silveira 2019), que promovem uma espécie de "intoxicação" dos usuários com conteúdos específicos baseados em comportamentos e valores apreendidos anteriormente.

No Brasil, o uso da internet como ferramenta de expressão e consumo de informações políticas nos últimos anos pôde ser observado de

forma significativa, principalmente dentro das redes sociais. Isso aconteceu sobretudo durante a pandemia do COVID-19, a partir do ano de 2020, onde as pessoas, por passarem mais tempo em casa para cumprir as medidas de isolamento social, concentraram suas ações políticas pelas redes sociais. A ferramenta possibilitou naquele momento uma comunicação mais pessoal, em um momento que já vinha sendo marcado por uma forte polarização política (desde o impeachment da ex-presidenta Dilma Rousseff, em 2016), e onde as pessoas só possuíam aquele espaço para socializar.

É importante ressaltar que as redes sociais acabam sendo muito utilizadas para comunicação política, por romper barreiras de tempo e espaço, de forma em que qualquer pessoa possa compartilhar ou comentar sobre qualquer assunto independentemente da data ou lugar em que esteja (Vasconcelos 2019), além de permitir o anonimato de publicações:

Organizar-se em grupos de interesse e manifestar suas opiniões se tornou muito mais fácil com o espaço criado pelas redes sociais, ambientes criados dentro do "cyberespaço" para comunicação e socialização dos indivíduos, além de, hodiernamente, servirem como uma espécie de portal de notícias, em que as pessoas podem receber e compartilhar informações de maneira instantânea. (Bastos, Figueiredo e Couto 2021, 177)

O estudo da cultura política dos usuários da internet é importante, pois entende-se que apesar de ser um espaço que pode permitir mais participação dos indivíduos, esta participação pode não ser necessariamente democrática, pelo contrário. Já que a participação política ativa na internet não garante a existência de uma "cultura cívica" entre os usuários (Almond e Verba 1963). O que pode ser arriscado para a estabilidade da democracia, tendo em vista que já há um consenso que uma democratização apenas no campo institucional não é suficiente para manter uma democracia em pleno funcionamento, estáveis e legítimas. Sendo necessário que se acompanhe também as mudanças socioculturais da população.

A internet como ferramenta política

A internet se tornou um meio essencial de comunicação na sociedade, as discussões e processos políticos ganham uma enorme propagação na internet, visto que "a internet põe as pessoas em contato numa ágora pública, para expressar suas inquietações e partilhar suas esperanças" (Castells 2001, 145). É através dela que os indivíduos passam a direcionar suas opiniões publicamente e com isso promover um alcance maior na comunicação, assumindo assim um papel mais ativo nos principais debates sociais. Partindo desse pressuposto que surge a expressão "democracia digital", explicitada teoricamente por Araújo, Penteado e Santos (2015):

Nesse contexto surgiu uma nova expressão para essa nova prática política: democracia digital. De acordo com José Eisenberg (2013), a internet vem auxiliando na transformação da democracia participativa por meio (1) da redução do custo da ação coletiva, ao dispor informações e materiais de divulgação de ideias; (2) da redução do custo de participação dos agentes individuais; (3) da formação de novas identidades coletivas mediante espaços temáticos; (4) da horizontalidade da comunicação; (5) da possibilidade de os movimentos sociais avaliarem a repercussão das atividades políticas (Araújo, Penteado e Santos 2015, 1601).

A internet como instrumento de democratização da participação possibilita impactar na tomada de decisões no Estado, já que a opinião pública ganha um grande engajamento capaz de propor mudanças na estrutura e construção de políticas públicas, como também permite maior debate sobre temas pertinentes à sociedade. Essa participação pode abrir margem para um processo de campanhas de desinformação em massa, com o intuito de favorecer determinado político ou partido político.

O uso político da internet tem sido um ponto-chave como estratégia de comunicação e campanha. Em 2007, a equipe do até então senador Barack Obama contratou Chris Hugles, cofundador do Facebook, para coordenar a campanha de Obama como candidato à presidência dos Estados Unidos. O grande feito dessa campanha foi a aposta em uma campanha digital, com direito a "todas as requisições que a cultura política

norte-americana exige: página para doações à campanha, biografia dos candidatos e de suas mulheres e posições políticas sobre as diversas esferas nas quais um Presidente exerce influência" (Gomes et al. 2009, 34).

A campanha se concentrou na utilização de mídias sociais para promover uma aproximação entre o candidato e seus possíveis eleitores, tendo até sido criado um site próprio do Obama, o "My.Barack.Obama", ou apenas "MyBO". Também foi explorado vários meios midiáticos digitais, se fazendo presente em diversas plataformas, como o Orkut, MySpace, Facebook e outras dezenas de redes digitais, alcançando muitos usuários e assim estabelecendo diálogo com estes e uma forma de fazer sua campanha online. Essa proposta de campanha de Obama, inovadora para a época, mostra a dimensão que a internet foi ganhando no jogo eleitoral ao longo dos anos, se tornando um meio de comunicação que permite mobilizar e engajar eleitores em larga escala, como também aproximar mais os candidatos dos seus eleitores.

Embora a internet possa ser vista como uma ferramenta democratizante, já que permite a participação dos indivíduos nas discussões populares, ela também é uma via de mão dupla, pois as mídias digitais podem favorecer grupos políticos dominantes e assim desfavorecer o debate democrático. Um exemplo que demonstra a força da movimentação política na internet foram as campanhas pelo Brexit durante o ano de 2016, a partir da saída do Reino Unido do bloco econômico da União Europeia, onde foram realizadas campanhas "Vote Leave e Leave EU". Estas obtiveram o resultado esperado, no entanto "a vitória do Brexit, no Reino Unido, confirma o potencial de manipulação da opinião pública proporcionado pelos mecanismos que operam no ambiente digital" (Pinto e Moraes 2020, 81).

A campanha de Donald Trump, em 2016, também se utilizou da estratégia da utilização das mídias sociais. Além disso, durante a campanha e já como presidente Donald Trump ataca a mídia tradicional e a apontava como veiculadoras de notícias falsas. Suas redes sociais, em especial

o Twitter, se tornaram o meio de comunicação do presidencialismo, “os tweets de Trump alimentaram um grande volume de notícias em esferas midiáticas tanto tradicionais quanto alternativas, [...], embora muitas vezes de forma negativa” (Bennett 2018). A estratégia de Trump ganhou impulso entre seus apoiadores, que pareciam não ter apreço pela legitimidade dos fatos. A comunicação digital, juntamente ao ataque às mídias tradicionais, acaba se tornando um terreno fértil para a desinformação.

No Brasil, a eleição presidencial de 2018 também contou com uso político das redes sociais por Jair Messias Bolsonaro, que a fez como sua grande fonte de comunicação durante a campanha e seu governo. Assim como Trump, Bolsonaro utilizou desinformação nos conteúdos da sua campanha, já que de acordo com a Agência Lupa, em 347 diferentes grupos de WhatsApp, descobriu-se que apenas 8% das imagens compartilhadas eram verdadeiras (Valente 2018). Com o objetivo de atacar seus adversários foram veiculadas mensagens através de disparos em massa no aplicativo WhatsApp, “as mídias sociais, e em especial o WhatsApp, se tornaram domínio da verdade e da liberdade de expressão, enquanto a esfera pública passou a ser condenada como o locus de fakes e manipulações” (Cesarino 2020).

De acordo com os dados divulgados pela Pesquisa Nacional de Domicílios (PNAD Continua) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2021, a internet já é acessível para 90% dos municípios do Brasil. A pesquisa também indica que o celular é o equipamento mais utilizado para acessar à internet, sendo assim, a instrumentalização da internet como ferramenta política possui uma grande consequência. Quanto mais brasileiros possuírem acesso à internet, mais facilmente estarão inseridos nos debates políticos das mídias sociais online.

O grande fator preocupante a respeito do uso da internet como ferramenta política é seu uso indiscriminado na propagação de desinformação

para favorecer políticos e/ou partidos políticos. A manipulação em massa fica muito mais sustentável por conta do alcance das mídias sociais, uma vez que os indivíduos apenas consideram os meios de comunicação alternativos como fontes de informação e ignoram a checagem de fatos, colocando em risco a ordem democrática. Como vimos nos casos do Brexit, nas eleições do Trump e Bolsonaro essa instrumentalização da internet mostra que “a desinformação e as notícias falsas se tornam parte das estratégias de comunicação para atacar e desestabilizar oponentes [...]” (Bennett 2018).

Uso da Inteligência Artificial para manipulação de informações

Com a popularização de ferramentas com tecnologia baseada no uso de algoritmos e de Inteligência Artificial (IA), se adensou o debate acerca dos impactos e o alcance deste tipo de ferramenta no cotidiano. No caso da política, a discussão teve início a partir da identificação do potencial destas em mapear o perfil dos eleitores para que os políticos pudessem criar sua imagem nas redes sociais com base nestas informações. Um exemplo disso foi o caso da empresa americana Cambridge Analytica, que trabalha com análise de dados, e em 2016 foi denunciada por trabalhar com a Brexit e para promover a eleição de Donald Trump por meio do uso de informações pessoais coletadas do Facebook (Bastos, Figueiredo e Couto 2021; BBC 2018).¹⁰ Essa estratégia ocorreu com o mapeamento do perfil de eleitores em dúvida, e direcionamento de conteúdos com o objetivo de convencê-las a um fim específico.

Um importante marco para este campo foi o nascimento de ferramentas que usam IA para gerar textos em diálogos, como é o caso do ChatGPT versão 3.5, que funciona como um robô virtual que realiza atividades dialogadas a partir de comandos textuais. A versão, que foi lança-

¹⁰ A utilização dos dados de milhares de usuários sem o consentimento deles, deu início a um embate muito importante a respeito de como nossos dados podem ser utilizados de muitas maneiras. BBC News Brasil. 2018. “Entenda o escândalo de uso político de dados que derrubou valor do Facebook e o colocou na mira de autoridades.” *BBC News Brasil*, 20 mar, 2018. <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43461751>.

da no fim do ano de 2022, tem acesso gratuito, possibilitando que qualquer pessoa com acesso à internet, *e-mail*, e um chip telefônico, possa acessar e utilizar.

Este tipo de tecnologia está a cada dia mais acessível e com maiores funcionalidades, já que o ChatGPT, por exemplo, permite hoje que seus usuários tenham respostas inéditas para as mais diversas perguntas em segundos (Spitale, Biller-Andorno e Germani 2023). Além disso, o ChatGPT-3.5 é apenas a porta de entrada para este tipo de tecnologia, visto que outras grandes empresas se preparam para lançar seus próprios *chatbots* com uso de IA, como é o caso do Google, que lançou recentemente no Brasil o Bard.¹¹

Os prompts de comando do Chat GPT na política

O ChatGPT é uma Inteligência Artificial (IA) operada pela OpenAI que funciona através de processamento de técnicas de linguagem natural, onde são armazenadas uma infinidade de dados para que se possa gerar respostas para quaisquer perguntas e comandos que forem direcionadas para o sistema (Brown et al. 2020). É utilizado como base o projeto GPT-3.5, que é uma evolução do GPT-3, lançado em 2020.

A tecnologia promove a conversação entre o indivíduo e a máquina, sendo que a compreensão que a máquina desempenha mediante ao que se é pedido, é influenciado pela forma como se envia a informação para que a IA processe e execute. A principal diferença entre o projeto GPT-3 e o 3.5, é que o mais recente utiliza de Aprendizado por Reforço baseado em Feedback Humano (RLHF), ou seja, é treinado para melhorar seu desempenho a partir do *feedback* dos seus usuários, além de burlar algumas questões, sobretudo no que se refere à criação informações falsas.¹²

Para o processamento das respostas do ChatGPT, são os *prompts* de comando que exercem

um papel essencial, pois os resultados obtidos mediante às milhares de proposições ou questionamentos que os usuários fazem, tendem a ser diferentes daquilo que se deseja *a priori*. Os *prompts* são perguntas e/ou frases que são utilizadas para dar uma determinada direção a um modelo de linguagem, sendo que tal direcionamento é pensado para se obter respostas (Radford et al. 2018).

Nesse ponto, compreende-se que a qualidade de um *prompt* é determinante para haver uma conversação bem executada entre o usuário e o ChatGPT (Morales-Chan 2023; Sun et al. 2019). Vale ressaltar que um *prompt* bem formulado pode obter respostas bem mais precisas do que os que não seguem uma formulação coesa, pois quando se interage com a IA em questão, se faz necessário fornecer um contexto claro e preciso. Sendo assim, um dos desafios referentes ao uso do ChatGPT, é que por mais que ele entregue informações quando se é pedido, as informações podem não ser confiáveis e precisas, e é nesse aspecto em que uma boa estruturação de *prompts* se torna necessária, para que o sistema não gere informações falsas ou imprecisas.

Sobre as informações falsas e não precisas que podem ser geradas pela IA, deve-se compreender que o ChatGPT tem mecanismos próprios para evitá-las, mas que podem não ser suficientes para barrar o surgimento de tais informações. Assim como também pode ocorrer a utilização de *prompts* específicos para obter resultados falsos, pois mesmo que a máquina demonstre através de alertas que não se pode executar tal tarefa, um *prompt* bem articulado pode driblar os recursos de segurança para obter o resultado esperado. A forma de articulação entre o usuário e a IA pode ser tão dinâmica, que até a utilização de um verbo pode gerar resultados diferentes mediante as demandas enviadas para a máquina. Uma vez que as formas de linguagem quando

¹¹ O Bard é um *chatbot* criado pelo Google que se assemelha com o ChatGPT, onde podem ser gerados textos e executadas uma infinidade de tarefas. Sendo uma inteligência artificial, o que o diferencia de sua concorrente é o acesso à internet, vantagem que a versão 3.5 do ChatGPT não tem. O Bard foi lançado no dia 13 de julho de 2023 no Brasil.

¹² A utilização do ChatGPT varia mediante a sua forma de utilização, pois a inteligência artificial se adequa aos gostos do usuário. Ver: D'Angelo, Fernando. 2023. "ChatGPT: tudo que você precisa saber antes de sair usando." *CanalTech*, 15 fev. 2023. <https://canaltech.com.br/colunas/chatgpt-tudo-que-voce-precisa-saber-antes-de-sair-usando>.

interagem, resultam em uma miríade de informações, e nesse caso o verbo serve como orientador para a IA, pois indica a direção e a estrutura que a mesma deve seguir (Kumar et al. 2022).

Ao se tratar da conversação, dois tipos de *prompts* se destacam na obtenção de resultados mais precisos mediante a finalidade, são eles: os *prompts* sequenciais e os *prompts* de perspectiva profissional. Os *prompts* sequenciais são os que buscam criar um tipo de progressão lógica na conversação, sendo que ele se utiliza da base textual que é utilizada para obter respostas mais elaboradas e precisas (Morales-Chan 2023). Esse tipo de *prompt* tem uma estruturação que o leva a um fim específico, assim, pode-se direcionar a um tipo de resposta que o usuário desejar, podendo modificá-la no momento que quiser, pois na própria conversação ocorre alterações a pedido do usuário. Já o de perspectiva profissional, a IA é sugestionada a tomar o papel de um indivíduo ou um ator específico diante o contexto que lhe é indicado (Morales-Chan 2023), nesse sentido, ela se torna um “alter ego”, podendo tomar a forma de um profissional de diversas áreas e desempenhar a sua função. Neste último caso, a IA adquire uma personalidade através de um comando, para ajudá-la a cumprir determinada função com excelência.

Considerações finais

Como resultados, entende-se que a IA tem potencial de se tornar um gerador de informações que podem direcionar o leitor a uma determinada conclusão. No caso do ChatGPT, são os “*prompts* de comando” que realizam ações direcionadas a um fim específico, ou seja, são “frases-chave” que direcionam seu comando para um fim esperado ou determinado. Já existem algumas medidas que visam combater a criação de informações falsas pelo sistema, e outras estão sendo trabalhadas (como a criação de uma marca d’água para identificar textos gerados pelo Chat GPT),¹³ mas fica o

questionamento: tais medidas são eficientes para que não se possam gerar informações enganosas ou que tenham um fim específico?

Esse questionamento se intensifica tendo em vista que os textos produzidos pela ferramenta passam uma ideia de serem totalmente verdadeiros, por conta do uso de linguagem formal e estruturação teórica. Por isso, se o leitor não estiver acostumado com o tipo de conteúdo, pode utilizar tal fonte como verdade, sem haver uma verificação prévia para sustentar a ideia. O perigo em torno disso está na força que as redes sociais têm de organizar massas mediante a temas específicos, e se tratando de estratégia política, a desinformação se tornou muito mais explorada neste âmbito por conta de sua forte aceitação em camadas populares, que geralmente não possuem amplos recursos para realizar uma análise crítica das informações compartilhadas nas redes sociais.

O estudo da literatura indica que o uso de ferramentas de AI pode afetar as orientações políticas dos brasileiros (Almond e Verba 2001) e fortalecer um perfil de participação referente à cultura política não democrática. Uma vez que já é sabido do potencial das *fake news* para o enfraquecimento da democracia (Wunsch e Ferreira 2022). Assim, relacionando o uso do ChatGPT, que depende significativamente de como ocorreu o comando, não há como prever como os textos gerados serão utilizados pelos indivíduos, se é para fortalecer ações democráticas ou para atacar a democracia por meio do compartilhamento de informações falsas ou imprecisas bem elaboradas. Entende-se, assim, que ao passo que o ChatGPT pode produzir informações verdadeiras de fácil compreensão, também pode gerar desinformação por meio de textos bem estruturados (Spitale, Biller-Andorno e Germani 2023).

¹³ O avanço tecnológico causa espanto em muitos momentos, principalmente quando se trata de tecnologias revolucionárias, se tratando das IAs, como é o caso do ChatGPT, muitos debates surgem a respeito daquilo que advém da produção dela, gerando, assim, debates, suposições e preocupações. Suzuki, Shin. 2023. “O que é ChatGPT e por que alguns o veem como ameaça”. *BBC News Brasil*, 19 jan. 2023. <https://www.bbc.com/portuguese/media-65164738>.

Referências

- Almond, Gabriel A. e G. Bringham Powell Jr. 1972. "Estrutura política e Cultura Política". In *Uma teoria política comparada*, edited by Gabriel Almond e G. Bringham Powell Jr., 3-51. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Almond, Gabriel A. e Sidney Verba. 1963. *La cultura cívica: Estudio sobre la participación política democrática en cinco naciones*. Madrid: Euramerica.
- Almond, Gabriel A. e Sidney Verba. 2001. La cultura política. In *Diez textos básicos de Ciencia Política*, organizado por Gabriel A. Almond, Robert A. Dahl, Anthony Downs, Maurice Duverger, David Easton, Seymour Martin Lipset, Gaetano Mosca, Mancur Olson, William H. Riker, Stein Rokkan e Sidney Verba, 171- 201. Provença, Barcelona: Editoria Ariel.
- Aquino, Jackson Alves. 2004. "Socialização e política". *Sociedade e Cultura* 7 (2): 191-205. <https://doi.org/10.5216/sec.v7i2.983>.
- Araújo, Rafael de Paula Aguiar, Cláudio Luis Camargo Penteado e Marcelo Burgos Pimentel dos Santos. 2015. "Democracia digital e experiências de e-participação: webativismo e políticas públicas". *História, Ciências, Saúde-Manguinhos* 22: 1597-619. <https://doi.org/10.1590/s0104-59702015000500004>.
- Avritzer, Leonardo. 2018. "O pêndulo da democracia no Brasil: uma análise da crise 2013-2018". *Novos Estudos - CEBRAP* 37 (1): 273-89. <https://doi.org/10.25091/s01013300201800020006>.
- Barbosa, Bruna da Silva. 2023. "A percepção dos jovens brasileiros sobre política e democracia: um estudo comparado sobre cultura e socialização política entre os anos de 2014 e 2018 com base no World Values Survey". Monografia, Universidade Federal do Vale do São Francisco. <http://www.univasf.edu.br/~tcc/000036/000036ed.pdf>.
- BBC News Brasil. 2018. "Entenda o escândalo de uso político de dados que derrubou valor do Facebook e o colocou na mira de autoridades." *BBC News Brasil*, 20 mar. 2018. <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43461751>.
- Bennett, W. Lance e Steven Livingston. 2018. "The disinformation order: Disruptive communication and the decline of democratic institutions". *European Journal of Communication* 33 (2): 122-39. <https://doi.org/10.1177/0267323118760317>.
- Borges, Laís. 2022. "Estudo mostra que uso de fake news cresce no 2º turno; 'desinformação está mais complexa e sofisticada', diz pesquisadora." *G1*, 25 out. 2022. <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/10/25/estudo-mostra-que-uso-de-fake-news-cresce-no-2o-turno-desinformacao-esta-mais-complexa-e-sofisticada-diz-pesquisadora.ghtml>.
- Bragatto, Rachel Callai. 2011. "Democracia e internet: apontamentos para a sistematização dos estudos da área". *Compolitica* 1 (2): 131-64. <https://doi.org/10.21878/compolitica.2011.1.2.14>.
- Brown, Tom B., Benjamin Mann, Nick Ryder, Melanie Subbiah, Jared Kaplan, Prafulla Dhariwal, Arvind Neelakantan, et al. 2020. "Language models are few-shot learners". *arXiv* 4. <https://doi.org/10.48550/arXiv.2005.14165>.
- Castells, Manuel. 2001. *A galáxia da internet*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Castells, Manuel. 2013. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Cesarino, Leticia. "Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil". 2020. *Internet & Sociedade* 1 (1): 91-120.
- D'Angelo, Fernando. 2023. "ChatGPT: tudo que você precisa saber antes de sair usando." *CanalTech*, 15 fev. 2023. <https://canaltech.com.br/colunas/chatgpt-tudo-que-voce-precisa-saber-antes-de-sair-usando>.
- Deutsche Welle. 2023. "Datafolha: democracia tem apoio de 79% dos brasileiros". DW, 21 out. 2023. Datafolha: democracia tem apoio de 79% dos brasileiros <https://www.dw.com/pt-br/datafolha-democracia-tem-apoio-de-79-dos-brasileiros/a-63513792>.
- Fornasier, Mateus de Oliveira, Gabrieli Camargo e Laís Cassol. 2021. "Mídias sociais e democracia: A influência das aplicações da Inteligência Artificial nas redes sociais e seu impacto no debate democrático". *Caderno de Relações Internacionais* 12 (30): 2179-1376. <https://doi.org/10.22293/21791376.v12i23.1769>.
- Fuks, Mario, Gabriel Avila Casalecchi, Guilherme Quaresma Gonçalves e Flávia Felizardo David. 2016. "Qualificando a adesão à democracia: quão democráticos são os democratas brasileiros?" *Revista Brasileira de Ciência Política* (19): 199-219. <https://doi.org/10.1590/0103-335220161908>.
- Gomes, Wilson, Breno Fernandes, Lucas Reis e Tarcizio Silva. 2009. "Politics 2.0: a campanha online de Barack Obama em 2008". *Revista de Sociologia e Política* 17 (34): 29-43. <https://doi.org/10.1590/s0104-44782009000300004>.
- Kelly, Samantha Murphy. 2023. "Inteligência artificial: escolas americanas estão ensinando alunos a usar o ChatGPT." *CNN Brasil*, 27 ago. 2023. <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/inteligencia-artificial-escolas-americanas-estao-ensinando-alunos-a-usar-o-chatgpt/#:~:text=Alunos%20%C3%A1%20usam%20ChatGPT&text=%E2%80%9CN%C3%A3o%20d%C3%A1%20para%20ignorar%E2%80%9D%2C,precisamos%20fornecer%20o%20treinamento%20certo%E2%80%9D>.
- Kumar, Harsh, Ilya Musabirov, Jiakai Shi, Adele Lauzon, Kwan Kiu Choy, Ofek Gross, Dana Kulzhabayeva e Joseph Jay Williams. 2022. "Exploring The Design of Prompts for Applying GPT-3 based Chatbots: A Mental Wellbeing Case Study on Mechanical Turk". *arXiv* 1: 01-19. <https://doi.org/10.48550/arXiv.2209.11344>.
- Kuschnir, Karina, e Leandro Piquet Carneiro. 1999. "As Dimensões Subjetivas da Política: Cultura Política e Antropologia da Política." *Estudos Históricos* 13 (24): 227-50. <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2100>.

Corporación Latinobarómetro. Santiago: Latinobarómetro. <https://www.latinobarometro.org/latContents.jsp>.

Moisés, José Álvaro. 2008. "Cultura política, instituições e democracia: lições da experiência brasileira". *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 23 (66): 11-43. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092008000100002>.

Moisés, José Álvaro. 2010. "Os significados da democracia segundo os brasileiros". *Opinião Pública* 16 (2): 269-309. <https://doi.org/10.1590/S0104-62762010000200001>.

Morales Chan, Miguel Antonio. 2023. "Explorando el potencial de Chat GPT: Una clasificación de Prompts efectivos para la enseñanza". Guatemala: Galileo University. <http://biblioteca.galileo.edu/tesario/handle/123456789/1348>.

Penna, Camila, Priscila Delgado de Carvalho e Priscila Zanandrez. 2022. "Entre procedimento e substância: participação política e sentidos da democracia". *Opinião Pública* 28 (3): 678-715. <https://doi.org/10.1590/1807-01912022283678>.

Pinto, Danielle Jacon Ayres e Isabela Moraes. 2020. "As mídias digitais como ferramentas de manipulação de processos eleitorais democráticos: uma análise do caso Brexit". *Revista de Estudios Sociales* (74): 71-82. <https://doi.org/10.7440/res74.2020.06>.

Spitale, Giovanni, Nikola Biller-Andorno e Federico Germani. 2023. "AI model GPT-3 (dis)informs us better than humans". *Science Advances* 9 (26): 01-09. <https://doi.org/10.1126/sciadv.adh1850>.

Sun, Shang-Yu, Chi-Chun Zhang, Liang-Chi Huang e Yun-Nung Li. 2019. "Context-aware response generation for multi-turn conversation with deep reinforcement learning". *IEEE Access* 7: 49918-27.

Suzuki, Shin. 2023. "O que é ChatGPT e por que alguns o veem como ameaça". *BBC News Brasil*, 19 jan. 2023. <https://www.bbc.com/portuguese/media-65164738>.

The Economist Intelligence Unit. 2022. *Democracy Index 2022*. Londres: eiu. <https://www.eiu.com/n/campaigns/democracy-index-2022>.

Valente, Jonas. 2018. "Notícias falsas influenciaram eleições deste ano, dizem pesquisadores: no Brasil, fenômeno foi mais forte pelo WhatsApp". *Agência Brasil*, 2 nov. 2018. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2018-11/noticias-falsas-influenciaram-eleicoes-deste-ano-dizem-pesquisadores>.

Vasconcelos, Camila, Rodrigo Stumpf González, e Rodolfo Silva Marques. 2020. "Cultura política e socialização política virtual: influência das redes sociais nas opiniões políticas de jovens estudantes da região do Distrito Federal e de seu entorno". *Brazilian Journal of Development* 6 (4): 20282-97. <https://doi.org/10.34117/bjdv6n4-269>.

Weirich, Fernanda e Domingos Sávio Campos de Azevedo. 2021. "Cultura política e apoio à democracia: comparações entre Brasil e Venezuela". *Conversas & Controvérsias* 8 (2): 1-12. <https://doi.org/10.15448/2178-5694.2021.2.40450>.

Wünsch, Marina Sanches, e Natasha Alves Ferreira. 2022. "Impacto das Fake News na Democracia e o Papel da Cláusula Democrática". *Revista da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Uberlândia* 49 (2): 472-97. <https://doi.org/10.14393/rfadir-v49n2a2021-61276>.

Radford, Alec, Jeffrey Wu, Rewon Child, David Luan, Dario Amodei e Ilya Sutskever. 2018. "Language models are unsupervised multitask learners". *OpenAI blog*, 1 (8): 9.

Romário Djavan Lins de Araujo

Graduando em Ciências Sociais (Bacharelado) pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), em Juazeiro, BA, Brasil. Membro dos grupos de pesquisa Polifonia, Observatório de Educação e Comunicação (Universidade Estadual da Bahia) e Politik, Centro de estudos em Instituições, Participação e Cultura Política (UNIVASF).

Gislaine Bagagi Lima

Graduanda em Ciências Sociais (Bacharelado) pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), em Juazeiro, BA, Brasil.

Bruna da Silva Barbosa

Graduada em Ciências Sociais (Bacharelado) pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), em Juazeiro, BA, Brasil. Mestranda em Gestão de Políticas Públicas na Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH/USP), em São Paulo, SP, Brasil. Voluntária no Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE) na Universidade de São Paulo (USP) em São Paulo, SP, Brasil.

Os textos deste artigo foram revisados pela SK Revisões Acadêmicas e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.